

Personalidade e Ansiedade em Situações de Mentira: Um Estudo Exploratório

Personality and Anxiety in Situations of Lies: An Exploratory Study

Personalidade y Ansiedad en Situaciones de Mentira: Un Estudio Exploratorio

Silvio José Lemos Vasconcellos(1); Andressa Rocha Da Cas(2); Amanda Mayer da Rocha(3); Clarissa Dias Mazarro(4); Anniara Lucia Dornelles de Lima(5); Juliana Kuster de Lima Maliska(6); Marcela Vitale da Silva Alves(7)

1 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: silviojlvasco@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6415-7494>

2 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: andressa.rdacas@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3463-7064>

3 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: amandamayerrocha@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2322-7016>

4 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: claridiasm@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1282-7665>

5 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: anniarallima@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1361-6691>

6 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: julianamaliska@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6944-2611>

7 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: marcelavitalea@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1303-0308>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 14, n. 1, p. 197-212, janeiro-junho, 2022 - ISSN 2175-5027

[Submetido: agosto, 24, 2021; Aceito: outubro 10, 2021; Publicado: agosto 10, 2022]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i1.4594>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

A mentira é uma afirmação que intenciona enganar outros indivíduos. Algumas mentiras podem não apresentar características antisociais, mas podem ser geradoras de ansiedade tanto quanto as mentiras antisociais. O propósito deste estudo foi determinar a relação entre a ansiedade para situações de mentira mensurada por um instrumento de autorrelato e os traços de personalidade que compõem o modelo dos cinco grandes fatores. A amostra foi constituída de 78 estudantes universitários, sendo 28 homens e 50 mulheres, com idades entre 18 e 26 anos. O fator neuroticismo apresentou uma correlação positiva e significativa com a ansiedade envolvendo as mentiras em relacionamentos pessoais. A amabilidade apresentou uma correlação positiva e significativa com a ansiedade em diferentes situações de mentira. O estudo proposto contribui para o aprimoramento das avaliações realizadas no âmbito da Psicologia Forense. Propicia ainda avanços em pesquisas relacionadas à chamada Psicologia do Testemunho e, em termos mais amplos, à Psicometria.

Palavras-chave: mentira, personalidade, ansiedade.

Abstract

A lie is a statment that is intended to decive other individuals. Some lies may not have antisocial characteristics, but can generate anxiety as well as antisocial lies. The purpose of this study was to determine the relationship between anxiety in lying situations measured by a self-report instrument and personality traits by the five-factor model of personality. The sample consisted of 78 undergraduates, 28 men and 50 women, from 18 to 26 years. The neuroticism factor presented a meaningful and positive correlation with anxiety in lying situations related to lying in personal relationships. Agreeableness presented a meaningful and positive correlation with anxiety in different lying situations. The proposed study contributes to the improvement of assessments carried out in the context of forensic Psychology . It also provides advances in research related to the so-called Psychology of Testimony and Psychometry.

Keywords: lie, personality, anxiety.

Resumen

Una mentira es una declaración que intenta engañar a otras personas. Algunas mentiras pueden no tener características antisociales, pero pueden generar ansiedad, así como mentiras antisociales. El objetivo de este estudio fue determinar la relación entre la ansiedad en situaciones de mentiras medida por un instrumento de autoinforme y los rasgos de personalidad según el modelo de los cinco grandes factores de la personalidad. La muestra consta de 78 estudiantes universitarios, 28 hombres y 50 mujeres, de 18 a 25 años. El neuroticismo tiene una correlación significativa y positiva con la ansiedad en situaciones de mentira em las relaciones personales. La amabilidad tiene una correlación significativa y positiva con la ansiedad en situaciones de mentira en diferentes contextos. El estudio propuesto contribuye a la mejora de las evaluaciones realizadas en el contexto de la Psicología forense. También aporta avances en la investigación relacionada con la denominada Psicología del Testimonio y Psicometría.

Palabras clave: mentira, personalidad, ansiedad.

Introdução

A mentira está presente nos mais diversos segmentos da sociedade civilizada e demonstra apresentar origens bastante remotas ao longo da evolução. Em diferentes momentos, os seres humanos mostram-se propensos a mentir como forma de obter vantagens pessoais ou evitar punições pelos seus atos. Mas a mentira também pode apresentar-se como um comportamento inofensivo para os demais indivíduos e, portanto, como um ato que, em muitos casos, não pode ser classificado como uma atitude antissocial no sentido mais exato da expressão (Vasconcellos et al., 2019).

Considerando tais características e possibilidades, sabe-se que a mentira pode ser frequente no dia a dia, embora quantificar, de forma mais precisa, a sua ocorrência costume ser um desafio para os pesquisadores. Alguns estudos revelam resultados díspares quanto ao número médio de mentiras que os indivíduos, nas sociedades civilizadas, proferem diariamente. Números que podem variar entre 0,59 até 1,56 quanto a uma média de mentiras diárias (DePaulo, Kashy, Kirkendol, Wyer, & Epstein, 1996). Tais diferenças podem ser explicadas principalmente em função da caracterização das amostras, que costumam envolver tanto universitários como a população em geral, bem como a partir dos critérios adotados no que se refere a essa mesma quantificação (Serota, Levine, & Boster, 2010). Além disso, cabe ressaltar que, em contextos não judiciais, a maioria das mentiras proferidas tendem a causar menor impacto nas interações sociais, sendo, portanto, também denominadas de mentiras brancas (Haj, Saloppé, & Nandrino, 2016).

O desenvolvimento da capacidade de mentir está atrelado à emergência de uma maior recursividade linguística, bem como a emergência de uma maior capacidade para teorizar sobre outras mentes conforme destacam alguns trabalhos recentes (Leduc, Williams, Garibello, & Talwar, 2017; Hayashi, 2017). Achados nesse campo apontam que, em média, uma criança com quarenta meses de vida já está plenamente apta a mentir (Evans & Lee, 2013). De outro modo, mentiras passíveis de serem classificadas como antissociais já foram observadas em crianças de dois anos e meio (Evans & Lee, 2013).

Uma vez que a mentira costuma ser considerada como um ato reprovável em diferentes culturas (Vasconcellos et al., 2019), o seu cometimento tende a estar associado a um estado de maior ansiedade por parte de quem mente. Esse pressuposto tem sido basilar para a criação e para o aprimoramento de dispositivos cujo objetivo é identificar variáveis fisiológicas relacionadas ao ato de mentir. A tentativa de enganar outro indivíduo por meio das palavras proferidas costuma demandar, nesses termos, um encargo cognitivo mais elevado (Vrij, 2008). Além disso, alterações na proxêmica, nos movimentos faciais, nas formas de verbalizar o conteúdo que perfaz a mentira são algumas dessas reações comumente atreladas ao cometimento da mentira (Vrij, 2008).

O cometimento da mentira está, indubitavelmente, ligado a características da personalidade. Uma vez que se considere a própria personalidade humana como um conjunto amplo de tendências comportamentais, infere-se, nesse sentido, que atitudes pró-sociais ou antissociais irão depender dos traços que impulsionam ou inibem determinados tipos de manifestações interpessoais (Anwar & Zubair, 2019). Conforme Trentini et al. (2009), a personalidade abarca características individuais, sendo única e distinta em termos de padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos. Nesses termos, variações de ansiedade, bem como as reações fisiológicas atreladas a uma série de emoções negativas mostram-se passíveis de serem correlacionadas com as dimensões básicas da personalidade.

Para esses fins, o modelo dos cinco grandes fatores da personalidade é capaz de fornecer um suporte teórico adequado. Esse modelo revela-se um dos mais influentes de atualidade (Nakano, 2014), preconizando que, em diferentes línguas e culturas, os descritores da personalidade podem ser agrupados em cinco dimensões básicas e abrangentes. O fator abertura contempla, por exemplo, tendências comportamentais exploratórias. No que se refere ao fator extroversão, Nunes e Hutz (2002) explicam que essa dimensão diz respeito à quantidade e à intensidade das interações interpessoais preferidas, ao envolvimento nessas mesmas atividades, bem como a alegria experimentada em decorrência desse envolvimento. O fator conscienciosidade contempla os níveis de organização, controle, persistência e motivação para atingir diferentes metas (Silva & Nakano, 2011). Já o neuroticismo refere-se a níveis crônicos de ajustamento emocional e instabilidade (Silva & Nakano, 2011). O fator amabilidade, de outra forma, relaciona-se aos tipos de interações social comumente verificados na história de cada indivíduo, considerando que essa mesma dimensão também tem sido denominada como amabilidade na literatura científica sobre o tema (Nakano, 2014). Alguns estudos indicam que em torno de 40 até 50% dessas variações podem se dar por origens genéticas (Jarnecke & South, 2015; Vukasovic & Bratko, 2015). Ainda que a influência de fatores ambientais possa se dar de forma distinta entre homens e mulheres (South, Jarnecke, & Vize, 2018).

A mentira a partir da apresentação de características individuais tem sido o foco de estudos sugestivos, porém ainda não conclusivos nesse campo. Achados recentes sugerem que algumas diferenças individuais, principalmente atreladas aos fatores extroversão, abertura a experiência e neuroticismo podem explicar uma parte das alterações fisiológicas verificadas em protocolos que investigam reações galvânicas da pele, pulsação e ritmo respiratório em situações de mentira (Zvi & Elaad, 2016).

O fator neuroticismo demonstra estar relacionado com a mentira em processos de autorrelato, conquanto os dados acabem por sugerir uma correlação fraca entre essas variáveis. (Lester et al., 2015; Roulin & Bourdage, 2017). Embora esse mesmo fator revele-se associado a uma maior tendência antissocial de um modo geral, os aspectos que o constituem e que se mostram capazes de contribuir para o cometimento ou

mesmo para a inibição de determinadas atitudes, ainda demandam maior investigação. Indivíduos com elevado nível de neuroticismo mostram-se, de um modo geral, mais propensos a mentir (Conrads, Irlenbusch, & Rilke, 2013). Em contrapartida, tendem a experimentar emoções negativas de forma mais intensa diante de situações socialmente reprováveis e maior dificuldade em decidir sobre suas atitudes nessas mesmas situações (Elaad & Reizer, 2015). Nessa mesma perspectiva, o fator conscienciosidade também demonstra apresentar uma relação com a mentira e outras atitudes antissociais. Os dados indicam existir uma correlação negativa nesse caso. Isso significa dizer que indivíduos com menor nível de conscienciosidade tendem apresentar um padrão mais proeminente de atitudes desonestas e irresponsáveis (Salgado, 2002).

No que se refere à forma de apresentar-se no ambiente virtual, diferenças relacionadas à personalidade também têm sido investigadas. As interações sociais que se estabelecem nas redes sociais abarcam certas particularidades, incluindo a possibilidade de omitir ou distorcer um maior nível de informações sobre as características pessoais dos próprios internautas envolvidos. Nesse sentido, o estudo de Sediman (2013) indicou que o neuroticismo está positivamente correlacionado a uma maior tendência para apresentar uma versão idealizada da própria imagem no *Facebook*. O nível de ansiedade verificado em tais situações quando comparado à mentira em situações presenciais não foi, no entanto, investigado nesse mesmo trabalho.

Considerando o estado atual de conhecimento sobre o assunto, bem como algumas lacunas ainda existentes no que se refere à investigação da relação entre características da personalidade e tendências específicas envolvendo o ato de mentir, os autores do presente artigo propuseram um estudo exploratório sobre essa temática. Trata-se, nesse sentido, de uma investigação direcionada para a ansiedade relacionada ao cometimento da mentira a partir de seus correlatos com as cinco dimensões básicas da personalidade com base no modelo anteriormente explicado. O trabalho objetiva, portanto, obter dados sobre o quanto algumas características da personalidade podem contribuir para uma maior ou menor dificuldade em mentir em diferentes contextos. Entende-se que os dados obtidos poderão subsidiar investigações mais abrangentes sobre a referida relação, embasando ainda pesquisas aplicadas em diferentes contextos da Psicologia.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 78 estudantes universitários sendo 50 do sexo feminino e 28 do sexo masculino. A idade média dos participantes foi de 22,0 anos ($DP = 4,2$). Uma parte dos indivíduos contatados recusou-se a participar ou desistiu durante aplicação alegando que o instrumento de avaliação da personalidade mostrava-se muito dispendioso em termos de aplicação.

Instrumentos

NEO-PI-R. O NEO PI-R é um instrumento de avaliação psicológica com base no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade e é o mais utilizado em pesquisas científicas atualmente para avaliar a personalidade humana (Flores-Mendoza, 2007). Os fatores são: Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Amabilidade e Conscienciosidade. Cada fator é representado por seis facetas (Neuroticismo: ansiedade, raiva/hostilidade, depressão, abraço/constrangimento, impulsividade e vulnerabilidade; Extroversão: acolhimento, gregarismo, assertividade, atividade, busca de sensações e emoções positivas; Abertura: fantasia, estética, sentimentos, ações variadas, ideias e valores; Amabilidade: confiança, franqueza, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade; Conscienciosidade: competência, ordem, senso de dever, esforço por realizações, autodisciplina e ponderação), totalizando um conjunto de 30. O instrumento foi desenvolvido na década de 1990. No Brasil, o estudo de validação data do ano de 2005, sendo que 17 itens da versão original foram reescritos e o instrumento como um todo apresentou consistência interna adequada para os diferentes fatores que o integram (Flores-Mendoza, 2007).

EASME. A Escala de Ansiedade em Situações de Mentira foi elaborada e validada no Brasil no ano de 2016 (Vasconcellos et al., 2016). É formada por um conjunto de 20 itens cujo objetivo é avaliar a ansiedade que o indivíduo presume que iria experimentar em situações hipotéticas de mentira que não retratam necessariamente situações já vivenciadas pelo avaliado em circunstâncias anteriores. O instrumento é pontuado a partir de uma escala Likert de cinco pontos indicando o grau de ansiedade que o indivíduo já experimentou o acredita que experimentaria diante da situação descrita em cada item. Mentir sobre o currículo em uma entrevista de empregos e mentir sobre a renda familiar em uma loja na qual o indivíduo está fazendo cadastro são exemplos desses itens. A EASME é formada por dois fatores, sendo o fator 1 (F1) relativo a compromissos e negócios e o fator 2 (F2) a relacionamentos, ambos apresentaram consistência interna superior a 0,80 a partir do Alpha de Cronbach no estudo de validação feito no Brasil (Vasconcellos et al., 2016), obtendo ainda uma Alpha de Cronbach de 0,67 na presente pesquisa.

Procedimentos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 95117418.1.0000.5346) e seguiu os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes. A aplicação foi feita de forma coletiva em salas com aproximadamente 25 universitários, sendo que o convite para a participação foi feito alguns minutos antes da aplicação. Após a assinatura do termo de compromisso livre e esclarecido e fornecimento de uma cópia desse documento, os participantes preencheram os dois

instrumentos em salas de aula de uma universidade pública da região sul. O NEO-PI-R foi o primeiro instrumento aplicado, seguido da EASME. Não foi constatada a necessidade de descartar nenhum dos protocolos usados em função do não entendimento sobre a forma de preenchimento dos mesmos.

Foi utilizado o índice de correlação de Person para avaliar, em termos quantitativos, a relação entre os instrumentos empregados e os fatores que os constituem, após verificada a normalidade dos escores por intermédio do teste Kolmogorov-Smirnov. Testou-se ainda a correlação de Spearman, porém foram obtidos valores muito similares às análises paramétricas consideradas viáveis a partir do teste de normalidade.

Resultados

As tabelas apresentadas na sequência especificam as correlações obtidas entre os fatores constituintes dos instrumentos utilizados. Optou-se, nesse sentido, por averiguar os escores mais gerais e, a partir disso, testar, conforme evidencia a segunda tabela, as novas correlações com base na forma como são constituídos os fatores que se mostraram mais associados à ansiedade em situação de mentira.

Tabela 1. Correlação da EASME e suas subescalas com os cinco fatores mensurados pelo NEO-PI-R

	Conscienciosidade	Amabilidade	Abertura à experiência	Extroversão	Neuroticismo
EASME Total	0,225	0,333*	0,044	0,225	0,002
EASME (F2)	0,220	0,363**	0,027	0,408**	-0,081
EASME (F1)	0,177	0,233	0,042	0,066	0,047

Nota. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

Tabela 2. Correlação da EASME e suas subescalas com as facetas constituintes dos dois fatores do NEO-PI-R os quais verificou-se algum nível de correlação estatisticamente significativa (Extroversão e Amabilidade)

	EASME (F1)	EASME (F2)	EASME Total
Confiança (A)	0,060	0,322*	0,187
Fraqueza (A)	0,497**	0,445**	0,571**
Altruísmo (A)	0,043	0,326**	0,172
Complacência (A)	0,153	0,170	0,189
Modéstia (A)	0,027	-0,096	-0,019
Sensibilidade (A)	0,139	0,214	0,200
Acolhimento (E)	0,057	0,431**	0,227
Gregarismo (E)	0,070	0,410**	0,240

	EASME (F1)	EASME (F2)	EASME Total
Assertividade (E)	-0,102	0,122	-0,029
Atividade (E)	0,117	0,155	0,156
Busca de sensações (E)	0,117	0,227	0,199
Emoções positivas (E)	0,066	0,383**	0,212

Nota. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

Além dos dados descritos na Tabela 2, destaca-se que não houve correlações estatisticamente significativas entre as facetas constituintes dos demais fatores constantes no modelo com qualquer uma das duas subescalas da EASME.

Discussão

Conforme destacado na parte introdutória deste trabalho, a mentira está rotineiramente presente em nossas vidas, embora, em muitos casos, esse ato não se configure como uma atitude antissocial propriamente dita. As pessoas mentem para ludibriar ou evitar situações punitivas, assim como mentem também para não constranger um interlocutor ou mesmo para agradar um amigo. De um modo geral, entretanto, o cometimento de diferentes tipos de mentira pode caracterizar-se como gerador de ansiedade, conforme as características de cada pessoa. Investigar a relação entre os níveis de ocorrência desse tipo de ansiedade e a personalidade com base no modelo dos cinco grandes fatores foi o objetivo principal deste estudo.

No que se refere às cinco dimensões mais amplas que perfazem o modelo explicativo da personalidade que subsidiou este estudo, observou-se que a ansiedade relacionada ao cometimento de mentiras está, de um modo geral, positivamente correlacionada com a amabilidade. Entretanto, constatou-se uma correlação fraca entre essas duas variáveis. Conforme descrevem Costa e McCrae (2010), a amabilidade constitui-se como uma dimensão interpessoal e envolve uma predisposição para colocar-se no lugar do outro, reagindo, muitas vezes, de forma complacente diante dessas situações. Sendo assim, é possível aventar que a relação da ansiedade envolvendo o ato de mentir pode aumentar minimamente quando o indivíduo pondera sobre as consequências negativas acarretadas por esse ato para os demais indivíduos com o qual interage. Possivelmente, o fato de a escala de ansiedade em situações de mentira apresentar itens que envolvem também mentiras de pouco impacto social a exemplo de mentir sobre preferências estéticas para não constranger um artista ou mentir sobre a própria opinião diante de um tema polêmico como forma de evitar uma discussão acirrada pode ter contrabalançado essa mesma tendência. Essa hipótese pode ser corroborada pelo fato de que somente a subescala de mentiras em relacionamentos, abarcando itens dessa natureza apresentou correlação estatisticamente significativa

com a amabilidade. Já o fator que contempla itens relacionados à mentira em situações laborativas ou comerciais não apresentou correlação estatisticamente significativa com essa mesma dimensão da personalidade. A amabilidade demonstra, nesse sentido, uma relação mais específica com a ansiedade envolvendo a mentira em situações mais específicas de interação social.

No que se refere a esses mesmos fatores que constituem a EASME, observou-se, de outro modo, que o agrupamento de itens descrevendo mentiras ligadas a relacionamentos também apresentou correlação positiva e estatisticamente significativa com o fator extroversão. Uma vez que, conforme Nunes e Hutz (2002), esse fator diz respeito tanto a intensidade como a quantidade de relacionamentos estabelecidos, é possível aventar que a frequência dessas interações também possa contribuir para uma maior preocupação com as consequências advindas de determinados tipos de mentira, incluindo aquelas que são proferidas para agradar seus pares, a exemplo de mentir para um novo amigo sobre estar apreciando o jantar, um dos itens que integra o citado instrumento. Em outras palavras, é possível presumir que a frequência das interações com uma rede maior de indivíduos acarrete a possibilidade de a mentira tornar-se mais geradora de ansiedade, considerando a possibilidade do indivíduo ser descoberto. Além disso, esse resultado coaduna-se com o estudo de Zvi e Elaad (2016), embora o citado trabalho tenha investigado correlatos fisiológicos atrelados à ansiedade verificada no cometimento da mentira, sem contemplar aspectos ligados ao autorrelato.

Deve-se ressaltar que os resultados obtidos no presente estudo não apresentaram uma convergência maior com trabalhos anteriores que, por sua vez, explicitaram, por exemplo, uma relação mais direta de sinais fisiológicos ligados à mentira, tal como o fator neuroticismo. Entretanto, é prudente considerar que os métodos empregados no presente trabalho se diferenciam de determinadas abordagens anteriores, não apenas quanto à forma de mensurar ansiedade, como também quanto à inclusão de avaliações sobre categorias distintas de mentira. Desse modo, a avaliação desse tipo de ansiedade a partir da sua relação com as facetas que constituem os fatores correlacionados também se revela oportuna. Além disso, pode gerar contribuições para um melhor entendimento sobre o papel que a ansiedade exerce, por exemplo, em uma situação de falso testemunho.

Nesse aspecto, ainda que com uma amostra reduzida, chama atenção a correlação estatisticamente significativa, positiva e moderada entre a faceta franqueza, constituinte do fator amabilidade com os escores totais da EASME. Ainda que uma mentira possa ser cometida para evitar uma situação constrangedora ou mesmo para agradar um amigo ou uma pessoa próxima, tal ato é, por si só, antagônico à franqueza. Nesse sentido, os dados obtidos revelam-se sugestivos e, nesses termos, coerentes. Ou seja, conforme Costa e McCrae (2010), a faceta franqueza traduz-se por sinceridade e lealdade para com a verdade. Sendo assim, essa correlação não poderia ser negativa,

uma vez que indivíduos com essa característica tendem a priorizar a verdade e, a partir disso, o cometimento da mentira pode, de um modo geral, configurar-se como um ato desencadeante de maior ansiedade. Essa inferência, embora passível de ser relativizada em função do tamanho da amostra, apoia-se ainda no fato de que a faceta franqueza obteve correlação positiva com os dois fatores constituintes da EASME.

Também dentro do fator amabilidade, destaca-se a correlação positiva entre o fator relacionamentos, integrante da escala que avalia a ansiedade em situações de mentira com a faceta altruísmo. Conforme Costa e McCrae (2010), essa faceta representa uma preocupação ativa com o bem-estar alheio. Pode-se inferir que a mentira, mesmo a mentira mais branda e, portanto, pouco nociva para os demais indivíduos, colide com tal tendência. Dito de outro modo, o altruísmo pode coadunar-se, em certa medida, com algum nível de convicção relacionado às vantagens mais duradouras de dizer a verdade. Uma explicação para essa mesma tendência pode estar na evolução de comportamentos pró-sociais na espécie, favorecidos pelo convívio em grupos cada vez maiores de indivíduos capazes de estabelecer trocas sociais e reciprocidade (Yamamoto, Leitão, & Eugenio, 2017). Ressalta-se, porém, que essa hipótese só poderia ser mais bem investigada com a utilização de um instrumento adicional, a exemplo de um questionário que examinasse os valores vinculados ao ato de priorizar a verdade, independente das circunstâncias. No presente estudo, não foi possível a obtenção de dados confirmatórios referentes a esse tipo de relação.

Quanto às facetas constituintes do fator extroversão, observou-se correlações positivas e estatisticamente significativas para três delas com a subescala de ansiedade em situações de mentira envolvendo relacionamentos. Costa e McCrae (2010) destacam ser esta a faceta mais próxima da amabilidade, estando, além disso, atrelada à expressão de afeto e à valorização da amizade. É possível considerar, nesses termos, que essa mesma valorização apresente relação com a importância conferida em dizer a verdade para todas as pessoas próximas. A sociedade ocidental considera, de um modo geral, que um amigo deve ser sempre sincero em suas interlocuções (Vasconcellos et al., 2019). Desse modo, a mentira pode gerar mais ansiedade quando cometida diante de uma pessoa com a qual o indivíduo que apresenta características mais altruístas estabelece relação próxima. Nessa mesma direção, aponta a faceta gregarismo, concernente à preferência pela companhia alheia e inserção social. Mentir pode revelar-se como um ato antagônico à tendência humana para buscar o convívio social em grupos maiores (Heck, Thielmann, Moshagen, & Hilbig, 2018). Ou seja, ser considerada uma pessoa menos sincera diante dos próprios pares pode ser um resultado contraproducente para quem busca o convívio social com diversas pessoas.

Uma correlação positiva e estatisticamente significativa, porém, um pouco menor, foi obtida entre a mesma subescala da EASME (relacionamentos) e a procura pela experimentação de emoções positivas que representa uma das facetas do fator extroversão. Pessoas que pontuam alto nessa faceta revelam-se mais propensas a

buscar relacionamentos que fomentem a alegria e o amor. Aventa-se, portanto, que uma reputação vinculada à sinceridade pode ser adequada para esses fins. Em outras palavras, qualquer rótulo que recaia sobre alguém, sinalizando que esse indivíduo não é frequentemente sincero em seus relacionamentos pode, em certa medida, opor-se à própria busca pela alegria decorrente do estabelecimento de relações mais intensas e duradouras.

Observa-se ainda que não houve correlações estatisticamente significativas com os demais fatores e com as facetas que o constituem. Os autores do presente trabalho presumiam que pudesse existir uma correlação da EASME com o fator neuroticismo mensurado pelo NEO-PI-R. Tal hipótese, no entanto, não se confirmou. Uma possível explicação para essa divergência deve-se ao fato de que a ansiedade atrelada ao neuroticismo é distinta da ansiedade para situações de mentira. A ansiedade para situações de mentira, conforme sugere a literatura (Vasconcellos et. al., 2016), não é sinônimo de uma ansiedade constante ou mais generalizada, estando mais atrelada à capacidade de ponderar sobre a pertinência ou a impertinência de cometer uma mentira ou mesmo de ponderar sobre as circunstâncias que as justificam. Entretanto, cabe ressaltar que a palavra ansiedade tem sido aludida na literatura especializada (Vrj, 2008). Além disso, em termos de psicopatologia, pessoas mais hostis e impulsivas, a exemplo dos psicopatas, podem apresentar baixa ansiedade relacionada ao ato de mentir (Vasconcellos, 2017). Entende-se, dessa forma, que o caráter multifacetado do fator neuroticismo pode explicar a não ocorrência de correlações estatisticamente significativas entre essas variáveis.

Considerações Finais

De um modo geral, o presente estudo buscou explorar a relação entre as dimensões básicas da personalidade com a ansiedade envolvendo o cometimento de mentiras. Para tanto, valeu-se de um consagrado instrumento capaz de avaliar a personalidade, bem como de uma escala elaborada e já validada no Brasil, cuja utilização ainda é incipiente.

O caráter exploratório deste trabalho atesta que novas e promissoras investigações abarcando essas variáveis ainda podem ser feitas no Brasil ou em outros países. Compreender melhor fatores relacionados à ansiedade gerada pelo cometimento de diferentes tipos de mentira podem contribuir para novos avanços em estudos sobre a detecção da mentira e, de forma indireta, para a própria Psicologia Jurídica. É um fato que as práticas avaliativas no contexto forense demandam, muitas vezes, uma compreensão clara de todos os aspectos que podem levar um indivíduo a mentir para evitar a punição ou para prejudicar outros indivíduos em situações estudadas pela assim denominada Psicologia do Testemunho.

O estudo proposto apresentou como principal limitação o tamanho da amostra contemplada. Considera-se também como uma limitação o uso de instrumentos de autorrelato para avaliar algumas tendências mais relacionadas a comportamentos antissociais. Entretanto, revelou-se sugestivo para que as relações destacadas possam ser mais bem investigadas em trabalhos futuros. É cabível presumir ainda que a aplicação desses mesmos instrumentos em uma amostra que não seja composta apenas de universitários poderá apresentar dados igualmente pertinentes para a discussão proposta. Considera-se, de um modo geral, que esses avanços relativos à pesquisa básica poderão contribuir para outros tantos avanços das práticas psicológicas no contexto jurídico, bem como em outros contextos de avaliação psicológica.

Referências

- Anwar, M., & Zubair, A. (2019). Dark Triad of Personality and Lying Behavior of Adolescents: Mediating Role of Social Skills. *Pakistan Journal of Psychology* 50, 1, 63-78. Retrieved from <https://www.proquest.com/scholarly-journals/dark-triad-personality-lying-behavior-adolescents/docview/2511210335/se-2?accountid=201395>
- Brauer, K., & Wolf, A. (2016). Validation of the German-language Clance Impostor Phenomenon Scale (GCIPS). *Personality and Individual Differences* 102, 153-158. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.071>
- Buehl, A. K., & Melchers, K. G. (2017). Individual Difference Variables and the Occurrence and Effectiveness of Faking Behavior in Interviews. *Frontiers in Psychology* 8, 686. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00686>
- Conrads, J., Irlenbusch, B., Rilke, R., & Walkowitz, G. (2013). Lying and team incentives. *Journal of Economic Psychology* 34, 1-7. Retrieved from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487012001365>
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (2010). *Revised NEO Personality Inventory (NEO PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI)*. São Paulo, SP: Vetor.
- DePaulo, B. M., Kashy, D. A., Kirkendol, S. E., Wyer, M. M., & Epstein, J. A. (1996). Lying in everyday life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 979-995. doi: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.5.979>
- Elaad, E., & Reizer, A. (2015). Personality and Self-Assessed Abilities. *Journal of Individual Differences* 36(3), 163-169. doi: <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000168>
- Evans, A. D., & Lee, K. (2013). Emergence of Lying in very young children. *Developmental Psychology*, 49(10), 1958-1963. doi: <https://doi.org/10.1037/a0031409>
- Feeney, J. R., & Goffin, R. D. (2015). The Overclaiming Questionnaire: A good way to measure faking?. *Personality and Individual Differences* 82, 248-252. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.03.038>
- Giammarco, E. A., Atkinson, B., Baughman, H. M., Veselka, L., & Vernon, P. A. (2013). The relation between antisocial personality and the perceived ability to deceive. *Personality and Individual Differences* 54, 246-250. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.09.004>
- Gylfason, H. F., Halldorsson, F., & Kristinsson, K. (2016). Personality in Gneezy's cheap talk game: The interaction between Honesty-Humility and Extraversion in predicting deceptive behavior. *Personality and Individual Differences* 96, 222-226. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.075>
- Grieve, R., & Hayes, J. (2013). Does perceived ability to deceive = ability to deceive? Predictive validity of the perceived ability to deceive (PATD) scale. *Personality and Individual Differences*, 54, 311-314. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.09.001>
- Goffin, R. D., & Spring, T. M. (2016). Is the Perceived Ability to Deceive confounded by General Mental Ability?. *Personality and Individual Differences* 101, 356-359. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.031>

- Haj, M. E., Saloppé, X., & Nandrino, J. L. (2016). Destination Memory and Deception: When I lie to Barack Obama About the Moon. *Psychological Research*, 82(3), 600-606. doi: <https://doi.org/10.1007/s00426-016-0840-8>
- Hayashi, H. (2017). Young children's difficulty with deception in a conflict situation. *International Journal of Behavioral Development*, 41(2), 175-184. doi: <https://doi.org/10.1177/0165025415607087>
- Heck, D. W., Thielmann, I., Moshagen, M., & Hilbig, B. E. (2018). Who lies? A Large-scale Reanalysis Linking Basic Personality Traits to Unethical Decision Making. *Judgment and Decision Making*, 13(4), 356-371. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/326673077_Who_lies_A_large-scale_reanalysis_linking_basic_personality_traits_to_unethical_decision_making
- Jarnecke, A. M., & South, S. C. (2015). Behavioral and Molecular genetics of the Five Factor model. In T. Widiger (Ed.), *Oxford handbook of the five factor model*. Oxford: University Press. doi: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199352487.013.25>
- König, C. J., Jansen, A., & Mathieu, P. L. (2017). What If Applicants Knew How Personality Tests are Scored?. *Journal of Personnel Psychology*, 16(4), 206-210. doi: <https://doi.org/10.1027/1866-5888/a000183>
- Leduc, K., Williams, S., Garibello, C. G., & Talwar, V. (2017). The contributions of mental state understanding and executive functioning to preschool-aged children's lie-telling. *British Journal of Developmental Psychology*, 35(2), 288-302. doi: <https://doi.org/10.1111/bjdp.12163>
- Lester, C., Anglim, J., & Fullarton, C. (2015). Individual Differences in Intention to Fake Job Interviews: Personality, Self-Monitoring, and the Theory of Planned Behaviour. *Australian Journal of Organisational Psychology*, 8. doi: <https://doi.org/10.1017/orp.2015.7>
- Flores-Mendoza, C. E. (2007). Inventário de Personalidade NEO-Revisado: Manual técnico. São Paulo, SP: Vetor.
- Nakano, T. C. (2014). Personalidade: estudo comparativo entre dois instrumentos de avaliação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(3), 347-357. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-166x2014000300003>
- Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2002). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Em R. Primi (Org.), *Temas em avaliação psicológica* (pp. 40-49). São Paulo: Casa do Psicólogo. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&tlng=pt
- Roth, M., & Herzberg, P. Y. (2017). The Resilient Personality Prototype. *Journal of Individual Differences* 38(1), 1-11. doi: <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000216>
- Roulin, N., & Bourdage, J. S. (2017). Once an Impression Manager, Always an Impression Manager? Antecedents of Honest and Deceptive Impression Management Use and Variability across Multiple Job Interviews. *Frontiers in Psychology* 8, 29. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00029>

- Salgado, J. F. (2002). The Big Five Personality Dimensions and Counterproductive Behaviors. *International Journal of Selection and Assessment*, 12, 117-125. doi: <https://doi.org/10.1111/1468-2389.00198>
- Seidman, G. (2013). Self-presentation and belonging on Facebook: How personality influence social media use and motivations. *Personality and Individual Differences*, 54, 402- 407. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.10.009>
- Serota, K. B., Levine, T. R., & Boster, F. J. (2010). The Prevalence of Lying in America: Three Studies of Self-Reported Lies. *Human Communication Research*, 36(1) 2-25. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2009.01366.x>
- Schlegel, K., Boone, R. T., & Hall, J. A. (2017). Individual Differences in Interpersonal Accuracy: A Multi-Level Meta-Analysis to Assess Whether Judging Other People is One Skill or Many. *J Nonverbal Behav* 41, 103-137. doi: <https://doi.org/10.1007/s10919-017-0249-0>
- Silva, I. B., & Nakano, T. C. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 51-62. Retrieve from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&tlng=pt
- Spencer, S. D. (2017). Examining Personality Factors in Deception Detection Ability. *Psi Chi Journal of Psychological Research* 22(2), 106-113. doi: <https://doi.org/10.24839/2325-7342.JN22.2.106>
- Stanton, K., Ellickson-Larew, S., & Watson, D. (2016). Development and validation of a measure of online deception and intimacy. *Personality and Individual Differences* 88, 187-196. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.015>
- South, S. C., Jarnecke, A. M., & Vize, C. E. (2018). Sex differences in the Big Five model personality traits: A behavior genetics exploration. *Journal of Research in Personality* 74, 158-165. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.03.002>
- Trentini, C. M., Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Teixeira, M. A. P., Gonçalves, M. T. A., & Thomazoni, A. R. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 209-217. Retieve from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200007&lng=pt&tlng=pt
- Vasconcellos, S. J. L. (2017). Por que os psicopatas de colarinho branco mentem melhor?: a ciência explicando a enganação. Paracatu, MG: Buriti.
- Vasconcellos, S. J. L., & Hutz, C. S. (2008). Construção e validação de uma escala de abertura à experiência. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 135-141. Retieve from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000200004&lng=pt&tlng=pt
- Vasconcellos, S. J. L., Rizzatti, M., Barbosa, T. P., Schimitz, B. S., Coelho, V. C. N., & Machado, A. (2019). Understanding lies based on evolutionary psychology: a critical review. *Temas em Psicologia*, 27(1), 141-153. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2019.1-11>
- Vasconcellos, S. J. L., Santos, B. S., Morais, L. Q., Ferraz, R. C., Freitas, P. O., & Silveira, J. F. (2016). Evidências de validade de uma escala para ansiedade em situações de mentira. *Avaliação Psicológica*, 15(3), 383-390. doi: <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1503.11>

- Vukasovic, T., & Bratko, D. (2015). Heritability of personality: A meta-analysis of behavior genetic studies. *Psychological Bulletin*, 141(4), 769–785. doi: <https://doi.org/10.1037/bul0000017>
- Vrij, A. (2008). *Detecting lies and deceit: Pitfalls and opportunities*. (2a ed.). New York, NY: Wiley.
- Yamamoto, M., Leitão, M., & Eugenio, T. (2017). A perspectiva evolucionista no estudo da cooperação. In *Evolução, Cultura e Comportamento Humano* (1st ed., pp. 105-162). Florianópolis, SC: Edições do Bosque.
- Zvi, L., & Elaad, E. (2016). Contributions of personality to spontaneous and deliberate information processing in the guilty actions test. *International Journal of Psychophysiology* 110, 18-26. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijpsycho.2016.10.003>